

**VOLUME 25**  
**VIAGEM A MINAS-GERAIS - SEGUNDA PARTE**  
**19 a 30/04 de 1881**

**INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**

... muito lido [*sic*]. Ficou de trazer-me um romance de costumes mineiros escritos por ele e de ao Rio o manuscrito de uma espécie de prefação histórica que pretendia anexar ao romance <sup>001</sup>. Escreve sobre a filosofia de Cousin, considerando o ecletismo mero sincretismo.

Depois recebi a carta de Lesseps que me trouxe o engenheiro Boutan chegado hoje e que já encontrara quando estávamos de passagem na Escola de Minas, que ainda não tinha visto a Imperatriz, ao irmos para S. Francisco de Paula. Conversei com Boutan sobre o Lesseps e família e também a respeito do canal do istmo do Panamá.

Enfim assisti ao drama – o Capitão Paulo de A. Dumas — no teatro que é menor, porém bonito e muito mais elegante que o de Sabará. Terminou depois da meia-noite.

**20 de abril de 1881 (4a fa.)** — Acordar às 5 ½. Banho frio. Leitura.

7[h] partida para Itacolomi. Neblina cerrada com garoa ou antes chuva. Bom caminho. Lugares esmaltados de flores do campo. Linda árvore de copa arredondada, pareceu-me jaboticabeira, porém não é; colheu-se um ramo na volta. As pedras ao chegar adiantaram-se da encosta como enormes espadas apontadas. Estava no ponto mais alto que não o do rochedo columi às 9h 10. Tudo rodeado de neblina. Medidas da altura em referência a Ouro Preto com o barômetro Fortin, aneróide de Boutan que convidei ontem e ipsômetro.

Almoço campestre seriam 10. Perto de meio-dia clareou. Vi Ouro Preto e Mariana, serra de Itatiaia e de Ouro Branco, descobri também a igreja da Boa Vista. Quando tudo estiver claro há de ser uma paisagem admirável. Também se via o pico de Itabira do Mato-dentro <sup>002</sup>. Antes de deixar o Itacolomi nova observação do Fortin. Na descida vi melhor as montanhas entre as quais a do Frazão e a serra do Caraça. Há um ponto onde se avistam Ouro Preto à esquerda e Mariana à direita.

O Gentil mostrou-me a planta chamada chá-de-porrete excelente em infusão das folhas muito amargosa para dores de cabeça provenientes do estômago.

O ribeirão do Carmo passa por um precipício estreito entre lajes muito pitoresco. Atravessa-se aí pequena ponte. Volta a palácio às 2 ½. Banho morno e leitura. São quase 4h. Vou jantar.

5h aula agrícola no Seromenho. Casa boa. Já tem galinheiro mal arranjado e arados. Houve 9 meninos. 4 saíram porque os papais pensavam que os filhos não teriam de trabalhar braçalmente. Ainda não tem aula. O diretor atual é o padre João Paulo irmão do secretário do Presidente.

Chuva, dificuldades de caminho. Andou-se bastante a pé por estas pedras.

Chegada à Igreja de Antônio Dias. O Te Deum esteve mais concorrido que o da matriz de Ouro Preto. Cantou-o o Bispo. Volta a palácio. Falei com alguns.

Concerto no Paço da Assembléia. Esteve sofrível. As senhoras tocaram bem piano. Na retirada houve vivas a mim e morras à Confederação Argentina por causa do sucesso do vapor Inca de que falam os diários do Rio de ontem <sup>003</sup>.

**21 de abril de 1881 (5a fa)** — 5h Banho frio. Leitura. Vou partir. Parei no Falcão onde se almoçou. Quintiliano e Monsenhor Pimenta assim como outros vieram até perto, como Gentil, Carlos de Assis F. Etc. Acabado o almoço segui viagem.

Tempo nublado e fresco.

Tenho reparado para direção dos quartzitos xistosos. Indica a direção da falha na do Rio das Velhas.

Cheguei à casa do Sperling <sup>004</sup> às 2h 10'.

Li as notas relativas ao projeto do ramal de ferro entre a estrada de ferro de Pedro 2º e Ouro Preto e outras cousas.

4h Jantar. Conversa. Sperling disse-me que o terreno entre Queluz e Ouro Preto prestava-se a estrada de ferro. Falou-me da navegação ou antes não navegação do rio das Velhas segundo entendo. Os distritos dos 5 engenheiros da Província são enormes. O de Sperling chega a Diamantina.

8 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Vou descansar.

**22 de abril de 1881 (6a fa)** — 5h Acordei. Gorceix deu-me ontem o cálculo aproximado da altura do cimo o Itacolomi [sic]; uma pedra aí quebrada e o ouro que ele bateou em minha presença na Escola de Minas.

Ontem antes de sair de Ouro Preto entregaram-me da parte do padre Sipolis uma pintura do inseto hipo — e não hipocephalus armatus.

6h saída. Pouco adiante despediu-se Gorceix. Chegada à Queluz às 10h 10'. Almoço e partida ao meio-dia.

Pouco adiante do último lugar das Bandeirinhas onde há uma casa toma-se um caminho à direita (2h 10'). E bem agora. Avistam-se plantações pequenas. Terra sobretudo de criação, que no inverno mete-se nos capões, e mato da serra de Camapuã no fundo.

Joaquim Alves Pereira (conhecido por Pena) disse-me ter 100 crias sobretudo muares por ano. Um fulano Campolina de Suassaí que dista aqui 6 léguas tem só 20 a 30 crias anuais <sup>005</sup>. Também com estes e muitos outros apareceu o Benfica escrivão na vila de Suassaí. É irmão do Franklin Massena e mostra-se muito grato pelo que fiz pelo irmão, ambos nascidos no Aiuruoca.

O arraial de Sto. Amaro começa a ver-se perto de um morro bastante alto. Seu aspecto é alegre projetando-se sobre a serra de Camapuã. É pequeno, mas como todos fez seus arcos e enfeitou-se.

Cheguei à casa do Vigário às 3h 35'. Disseram-me muito bem do Vigário.

Encontrei Ewbank em Queluz. Disse-lhe o que vi e contou-me do rio das Velhas e solo das margens. Ele vai estudar a direção ao S. Francisco pelo vale do Paraopeba ao mesmo que a de Macaúbas. Observei muito poucos insetos na região dos campos onde me acho ainda. Nos matos que atravessei na região da Lagoa Santa vi muitíssimas aranhas fazendo suas teias de ramo a ramo e mesmo de árvore a árvore. Vamos beirar a serra de Camapuã para Lagoa Dourada e S. João Del Rei.

St. Hilaire diz que Queluz é a 15 léguas E. de S. João Del Rei é 8 léguas S.E. de Vila Rica (hoje Ouro Preto). Não pude ver nas vizinhanças de Queluz a nicotina Langsdórfica de que fala St. Hilaire 1ª parte tomo 1 nota 2 pg. 127. A canela-de-ema do gênero velosia está descrita a pg. 133 e 134. Já falei dele na primeira passagem da Serra do Ouro Branco. A montanha por onde se subia esta chamava-se no tempo de St. Hilaire — Deus livre — segundo ele diz; mas era Deus-te-livre por ser de difícil subida. O que St. Hilaire diz da falta de hospital próprio de uma capital é exato. Indagando no que poderia eu auxiliar de útil a Ouro Preto não me falaram de hospital. Ainda não há iniciativa individual nem espírito público bem entendido. Leia-se o que diz St. Hilaire pg. 150. Não sei porque sempre se foram esquecendo de mostrar-me o quartel dos aprendizes militares. Com outras cousas a fazer deixei de lá ir. O terreno deste arraial tem muitos desbarrancados produzidos pelas águas. A casa do vigário, a igreja pequena e o sobrado da escola de 1<sup>as</sup> letras, assim como outras estão num vasto largo. St. Hilaire fala a pg. 158 do mata-pasto que parece não ser o capim-gordura. Nota a diferença de vegetação entre Ouro Preto e Mariana tão perto uma da outra mas com grande diferença de nível. O que ele diz no clero de Minas ainda tem alguma aplicação. Juízo de St. Hilaire muito favorável aos mineiros — Aucun etc. pg. 182 e 183.

Jantar às 5 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Conversa.

Li na cama e vou dormir 10h 10'.

**23 de abril de 1881 (sábado)** — 5h Acordei. Dizem-me que choveu muito de noite. Vou ler St. Hilaire ainda trata do capim-gordura quanto à sua origem a pg. 220 nota 1. Diz que nas vizinhanças de Camapuã o milho dá 150 a 200 por 1, feijão, cana-de-açúcar, algodão etc. Cama-puã significa Seio-redondo. Diz que o termo de Camapuã dista 8 léguas do de Queluz. Palavras muito honrosas a respeito de Lund a pg. 229.

Partida às 6 depois de oração na Igreja. Chovia.

Passagem da ponte de Paraopeba, vale do afluente Pombal e povoaçãozinha deste nome, lugar de Caixeta perto deste subida difícil por íngreme. O terreno parece-me fértil.

10h 20'. Fazenda Curtume — para ir até aí houve desvio à direita. Proprietário João Ferreira da Fonseca plantador e criador de cavalos e bois, 100 crias por ano. Belos cafeeiros, mas dá às vezes geadas fortes que os mata. A família é numerosa e seus modos sobretudo os da mãe matrona de belo perfil muito me agradaram.

Almoço e partida às 11, com chuva açoitada pelo vento. Passagem da ponte do Camapuã. Vastos campos. Atravessei o terreiro da fazenda de Eduardo Ferreira da Fonseca sobrinho do João. Aí tomei café a cavalo. Eduardo é plantador igualmente de mantimentos e criador de muares, 100 crias por ano. Já o tempo tinha levantado. Antes até parece-me haver sentido granizo muito fino na cara. Longo caminho de morros por entre mato de capoeira. Terra fofa e com a chuva de ontem de noite já dava mau trânsito em muitos lugares. Ao sair do mato cavaleiros da Lagoa Dourada. Perto desta há 2 desbarrancados das chuvas com enormes dimensões. Antes do arraial apareceu um italiano da mina e mandei prevenir o engenheiro de minas Campos que veio a meu encontro no princípio do arraial. Este não é pequeno e cheguei à casa às 4h 20'.

No caminho para o engenho Curtume do João Ferreira vi flores e frutos de lobeira. Uma espécie de lobo que abunda aqui come estes frutos. São cães grandes. Matam galinhas etc. e carneiros. De dia estão nas macegas ou nos capões. Rondam de noite uivando como cães.

Desde Queluz que não observo mais como ontem os sons que o vento mesmo ligeiro produz nos isoladores. Nos côncavos o som parece o de uma povoação de muitos sinos a tocarem muito longe.

Vou agora 5h ver a mina com o Campos. A antiga lagoa está quase toda aterrada e até a parte superior do poço que se abriu há poucos meses foi feita de baixo para cima. São por ora ensaios para reconhecer a importância do minério. É quartzito separado por gneiss moderno em parte decomposto e o chamado talcito formando nódulos como contas de um rosário. É muito rico e já deu em ensaios na Escolas de Minas mais de 100 oitavas por tonelada. Por ora só há o poço de 23m de fundo com o qual se estuda o poder da mina e no qual se desce por escada subindo o minério em caçamba, uma máquina à machoira para quebrá-lo, duas galgas de prato giratórios para trituração das pedras quebradas, outra para amalgamação havendo também mesas físicas. Campos quer substituir as galgas por pilões que com a mesma força fazem 3 vezes mais. O motor é uma locomotiva de 12 cavalos que trabalha com 8 e também move a bomba do poço que faz 100 m<sup>3</sup> de água por dia. Está terminando um pequeno para cupelação. O ouro é de 22 quilates e só ligado a prata. O minério tem muito pouco de pirites. O gerente da empresa é Caetano Dias <sup>006</sup> filho do que foi fundador da colônia do Rio Novo. O nome do 2º fazendeiro é Eduardo de tal Resende da família do marquês de Valença.

Mudei de roupa e jantei depois das 6.

Achei música em Sto. Amaro e aqui, alguns dos músicos vindos de outra parte. Disse-me Monsenhor que a maior parte dos vigários são encomendados. Em toda a parte pedem esmola, até um que tem alguma cousa de seu o fez, segundo me disse o monsenhor.

O Chaves irmão do dono da casa teve mais de 17 filhos assim como outros o tem numerosos. Conversei até perto das 9.

**24 de abril de 1881 (domingo)** — Acordei às 4 ½. Vou ler. Às 5 ¼ diz aqui em casa missa o Monsenhor. A madrugada está fria.

A reflexão de St. Hilaire pg. 237 sobre o número de homens de cor é muito verdadeira. O ouro que se tem achado na mina daqui é de grão que se pode batear e um preto assim separou algum ontem. Passa por muito hábil neste mister.

5 ¾. Já ouvi missa vou orar na matriz e seguir viagem.

6h. A caminho de S. João Del Rei. Ouvi que na pequena igreja da Lagoa Dourada ainda se enterra como em outras! Campos de colinas. Viu-se à direita num baixo a fazenda do Capão de Francisco José Ferreira. Parece importante.

8h 40'. Fazenda do Engenho de Domiciano Ribeiro de Resende sobrinho neto do marquês de Valença e filho de Geraldo Ribeiro de Resende. Fazenda de mantimentos e criação de 20 e menos crias por ano. Almoço.

A manhã tem estado encoberta e um pouco fria.

Sai às 10h. Ponte do Carandaí (águas do rio das Velhas) <sup>007</sup>.

Esqueci-me de dizer que indo à mina da Lagoa Dourada, e muito perto do arraial vi o ponto onde com intervalo de poucos palmos talvez correm águas de um lado para a bacia do rio da Prata e do outro para a do S. Francisco.

O Carandaí tinha grande correnteza e alguma largura. Fazenda do Retiro. Parei aí para se mudarem as bestas da liteira e eu bebi boa água e mudei para o melhor animal (cavalo) da viagem de Minas. Os campos são bonitos, sobretudo no lugar de que se avista numa baixada ao longe à direita a casa da fazenda de D. Maria de Carandaí da família dos Resendes. A serra de S. José alta um pouco recortada e pedregosa levanta-se à esquerda e vê-se ao longe um pouco para direita a do Lenheiro de aspecto um pouco semelhante. Vai-se pelo leito arenoso de um riacho há de encher muito e

sobe-se um morro onde havia um arco e esperavam numerosos cavaleiros, entre eles o deputado Galdino <sup>008</sup> Juiz de Direito Costa Belém, Penido Juiz de Pirai de onde veio com licença.

Já de há muito (12h 25') avistara torres e casas de S. João Del Rei num recanto do lado da serra do Lenheiro. Deu-se grande volta em parte por várzea e tendo entrado no arraial de Matosinhos, passada a ponte que é grande e boa de madeira, havendo resistido a grandes enchentes durante 30 anos, sobre o Rio das Mortes, onde se acha atracado o vaporzinho de pouca força e que gasta 3 dias rio acima até a Invernada quando leva descendo 6 horas, (Galdino veio nele com a família) e vi perto da ribanceira um grande batelão de reboque por acabar, olhei caminhando para a igreja do arraial, tendo chegado depois à várzea do Marçal onde se dá ainda extensa volta acompanhando o leito arenoso de águas, que hão inundar nas cheias e despejam no rio das Mortes. Perto da entrada da cidade atravessou-se o arroio de Água-limpa vendo-se à esquerda os pegões do viaduto da estrada de ferro do Oeste e depois o Sto. Antônio que como o anterior vai ao Rio das Mortes e enfim cheguei à cidade.

É bem colocada e risonha, sobre o Sto. Antônio (hoje Riachuelo) há duas pontes de arco de pedra correndo a água antes da primeira e do lado delas por uma rampa de lagedo de um açude, o que dá a este lado da cidade subindo para o edifício da Câmara o aspecto do Arno em Florença. Dobrei a esquina para uma rua onde vi a bonita casa, externamente pelo menos, da Filarmônica e depois para outra por onde cheguei ao largo onde me hospedei na casa do barão de S. João Del Rei <sup>009</sup>. Grande edifício. Apeei-me às 3 ¼.

Na mina da Lagoa Dourada vi um empregado Moser que disse-me ser filho da ama de meu filho creio que Afonso.

Observei pelo caminho roças viçosas. Nos pastos há bastante mata-pasto que é uma planta de caule fino e alto com flores pequenas esbranquiçadas. Avistei cabeças de gado cujo aspecto agradou-me. O sol tornou-se quente ao deixar Engenho Velho.

Entrando na casa falei a um homem já de cabelos brancos que disse-me ser bisneto do marquês de Valença por uma filha dele natural. Sai às 5.

Casa da Câmara e cadeia. Grande edifício e de boa aparência. A cadeia ocupa o andar térreo. Notei que se pode conversar com pessoas da rua por entre as grades. O despejo é em barris apesar de ter rio perto. Casas de pau com gaiolas para os bêbados! Livros irregulares, última visita pelos termos de 9bro [novembro] passado. Um preso a que faltam 23 dias saía da sua prisão para ajudar o carcereiro inválido da pátria condecorado porém maneta de 24 de maio <sup>010</sup>. As prisões são bem arejadas e não senti mau cheiro nelas.

A casa da Câmara tem tudo o que é preciso menos almário <sup>011</sup> para guardar os padrões que estavam bem arranjados por constar o que tenho reparado. Coleção de minerais do Município curiosa feita por Guilherme Lee, médico, irmão do Dr. Lee do Rio. Também há mapas do Brasil nessa sala. Boa biblioteca, mas de livros antigos e pouco próprios de bibliotecas populares. É franqueada só de manhã ao público. A vista das janelas da casa da Câmara é bonita.

Entre na casa da Filarmônica. Também vão estabelecer ai biblioteca.

Hospital. Não me desagradou, mas facilmente se podem ventilar melhor as enfermarias. Tem 76 doentes dos quais 30 loucos em parte distinta do edifício. É o único asilo para os loucos da província. Pareceram-me estreitos os quartos e é preciso que fechadas as janelas não fiquem no escuro. Há um terreno onde os loucos têm plantado. No ano findo hoje. Estivera e estão no hospital 294 e faleceram 46. A igrejinha não é má.

O recolhimento é pouco afastado. Tem 9 meninas. Bem arranjado. Pequeno espaço onde plantam suas flores. Instrução primária, costura, e misteres domésticos. Todo o serviço é feito por elas. Notei mau cheiro num lugar. Pequeno quarto de enfermaria. No hospital há sofrível banheiro, que pretendem melhorar à altura da douche, e farmácia que pareceu-me bem arranjada e avia remédios para os pobres. É boticário um sobrinho do Sapucaí filho do dr. Silvério <sup>012</sup>. As iluminações são bonitas sobretudo o arco transparente feito por um rapaz Luís José Alves à custa dos médicos e advogados e a da igreja de S. Francisco de muito bom gosto.

Queimaram fogos de bengala que alumiam a praça de S. Francisco onde moro. Conversei com diversos e vou descansar 9h 25'.

O Maceió foi da minha parte visitar o Barão de S. João Del Rei. Está desenganado de moléstia do coração.

**25 de abril de 1881 (2a fa)** — 5 ¼ Acordei. Saio às 7h. Vou ler St. Hilaire pg. 254 diz se doute qu'il y ait auprès d'aucune des villes de Minas Gerais autant de jardins que j'en ai vu dans la vallée délicieuse du rancho de Marçal a S. João

Del Rei! Vejo aqui mais brancos. St. Hilaire já fez a mesma observação. Ainda fala de capim-gordura pg. 272. Não o encontro desde Congonhas do Campo até Faria perto da Mantiqueira, passando por S. João Del Rei.

7h vou sair. Passeio pela cidade. Entrei nas igrejas de S. Francisco — grande, o arco abatido de pedra que sustenta o coro é o que tem de notável — e Carmo que também é grande e mais elegante internamente e tomei para o lado das Mercês de onde não gozei da vista por causa da neblina. A margem do rio de Sto. Antônio com suas duas pontes e represa é que mais me agradaram.

Fui ver um pé gigantesco de cambucáseiro em casa de uma sobrinha do barão de Camargos — podem colher-se as frutas de uma das janelas do sobrado, e dá 120\$000 por ano — e entrei no jardim do colégio de meninas que está muito bem plantado.

Almoço às 9. Saída às 10 com a Imperatriz. S. Francisco, colégio das meninas dirigido por sobrinhas mãe e filha — esta é muito inteligente — do Sapucaí. Gostei do arranjo do colégio. As meninas responderam bem. A professor de francês Aureliano Pimentel é bom latinista, estuda o sânscrito tendo traduzido o episódio de nalo do Ramaiana, e conversa muito bem <sup>013</sup>. Suas idéias pelos livros que citou são ultramontanas <sup>014</sup>.

Depois fui às Mercês. Bela vista. A Imperatriz seguiu para casa e eu visitei o colégio do vigário Machado <sup>015</sup> onde os meninos de latim e francês responderam muito bem sobretudo um menino muito inteligente Lauro da província do Rio. É internato de 30 e tantos. A biblioteca do vigário compõe-se de excelentes livros revelando nele muita inteligência e seriedade de espírito, embora ultramontana.

Inauguração da escola do Dr. João Batista dos Santos. A casa ainda não está consertada de todo. O Pimentel fez um curto e bonito discurso.

No colégio das meninas tinha visto a cataléptica do monsenhor <sup>016</sup>. Agora só tem alguns incômodos nervosos por ocasião de seus meses. Está curada e parece uma senhora tendo menos de 15 anos.

Externato provincial. Um pouco em desordem embora a casa da antiga intendência seja boa. O diretor que é o promotor e inspetor da instrução pública do círculo literário o rábula José Antônio Rodrigues tem ares de homem grosseiro e de letras gordas. No andar térreo em sala espaçosa está a aula de meninos. O professor agradou-me. Daí subi até o alto da igreja do Bonfim. Extensa vista. Descobre-se toda a cidade perto da várzea do Marçal. As duas serras produzem efeito muito pitoresco sobretudo a penhascosa de S. José. Na volta entrei na aula de meninas. Sala acanhada. Não me agradou senão a menina que respondeu bem em doutrina religiosa.

Jantar às 5 — Visitas entre as quais Honoré Genteur e Arthur Genteur Comissários da Académie Nationale de Paris que vem estabelecer relações comerciais entre o Brasil e as casas de Paris e fui às 7 ao Te Deum na matriz. Já tinha visto esta igreja de manhã. Não é feia, mas não sei porque pintaram as pedras no exterior. A música do Te Deum foi a melhor que ouvi em Minas, dizem ser composição do padre José Maria. O vigário fez um pequeno sermão em sentido inteiramente religioso e algum tanto ultramontano citando muitos autores. Voltei a casa. Ainda visitas e teatro. Este é feio. Tive muito sono.

**26 de abril de 1881 (3a fa)** — 5h Acordei. Vou sair às 6. Caminhei mais ou menos pelo leito da estrada de ferro margeando o Rio das Mortes com a serra de S. José à esquerda. Bonita vista sobretudo por causa da neblina na serra por detrás da qual levantava-se o sol. Tomei à direita e às 8h estava na boca da gruta (Casa de pedra). Corri-a como pude até perto de 9h. Não há estalactites curiosos a não ser o que chamam de púlpito. Há salas vastas sobretudo a chamada do lustre por causa de um estalactite que pende do teto em forma de lustre. A gruta tem mais 2 andares superiores que só poderia percorrer se tivesse tempo embora a subida por eles seja difícil. Passagem do Elvas onde constróem viaduto de alguma importância. Depois caminha-se perto da margem esquerda do Rio das Mortes e começa a ver parte da cidade de S. José Del Rei que atravessamos, tendo antes passado a ponte do Rio das Mortes.

A cidade seu estado decadente. Há casas grandes. Almocei na casa do padre Lara já falecido e que pertence agora a uma afilhada. Falei aí com um sobrinho neto de fr. José Mariano da Conceição Veloso (da Flora-fluminensis) <sup>017</sup> de nome Francisco Veloso de tal. É homem de 70 e tantos anos.

A vista da Serra de S. José é pitoresca. Sigo às 11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>.

Entre na escola de meninos. O professor tem feito figuras geométricas de papel bem feitas, e mostrou-me desenhos, mas os meninos não me pareceram adiantados na instrução primária. Orei na Igreja grande, mas que não me agradou como outras. O caminho que é o leito da estrada do oeste vai sempre seguindo a margem esquerda do Rio das Mortes. O

Joaquim Lisboa enganou-se na extensão do caminho que não era o do programa e só chegamos à ponta dos trilhos onde encontramos o trem às 5. Passaram-se Invernada e arraial do Barroso. O caminho tem vistas bonitas, porém anoiteceu e não pude ver uma cascata que dizem pitoresca.

O desejo de que eu passasse pelo leito da estrada desde S. João Del Rei foi causa de eu só chegar ao Sítio às 7  $\frac{1}{4}$  e à estação de Barbacena perto das 8 e à casa da viscondessa de Prados <sup>018</sup> vindo de carro às 8h 20'. O Joaquim Lisboa diz que a estrada de ferro do oeste estará pronta em 2 meses. Só em 6; falta ainda bastante trabalho. O trem veio com a velocidade de 29 e 30 km por hora e não balançava. A obra parece-me bem construída.

Depois do jantar conversei. São 11  $\frac{1}{2}$ .

**27 de abril de 1881 (4a fa)** — 5  $\frac{1}{2}$  Acordei. Vou ler. Saio às 7h. Caminho conhecido até Serraria. Cheguei às 8  $\frac{3}{4}$  a Juiz de Fora. A cidade tem aumentado muito. Bela avenida com bonitas casas que devem arborizar. Almocei numa destas que é do barão de Cataguazes <sup>019</sup>.

Partida do trem às 11h 10'. Nada de novo até Serraria. Aí entramos no trem da estrada de ferro da União Mineira <sup>020</sup>. Percorremos 84 km até o arraial — vila ainda não instalada de S. João de Nepomuceno. A estrada para subir parte da serra do Macuco tem 2 ziguezagues com plataformas. Tem 7 estações pequenas porém bem construídas conforme a aparência. Vista muito bela assim como mato viçoso de Bicas para diante. Descobre-se amplo vale fechado por altas montanhas, e perto de S. João avista-se a alta serra do descoberto de contorno original. Grande número de quilômetros a começar da Serraria passa a estrada por fazendas de café muito bem plantadas e algumas com casas feitas com bom gosto. Há interrupção de terras tão boas para voltarem estas. Vim conversando com o engenheiro Betim <sup>021</sup> cuja direção inteligente e ativa revela-se no modo porque a estrada foi construída e se conversa tendo trilhos de aço, e com o desembargador Pedro de Alcântara Cerqueira Leite <sup>022</sup> a cuja influência se deve sobretudo a estrada que é de bitola de um metro.

Cheguei à S. João às 4h 20'. Estava decadente mas já ressurgiu. O Juiz de direito da Comarca (Rio Novo) Virgílio de Melo Franco <sup>023</sup> agenciou 3:000\$000 para compra de boa casa para as aulas e biblioteca. É um bom prédio. Visitei-o assim como o destinado para as futuras Câmara e cadeia que não é mau e a aula atual de meninas em muito má casa. Os meninos não estavam presentes. O professor corcunda com quem falei pareceu-me inteligente. As escritas dos meninos que vi eram más. A professora foi retirada por mau procedimento, pelo que ouvi ao Cerqueira Leite.

Jantar às 6  $\frac{1}{2}$ . Depois conversei com diversas pessoas. São quase 10h.

**28 de abril de 1881 (5a fa)** — Saio às 6  $\frac{1}{2}$  para orar na Igreja e embarcar-me no trem que parte às 7h. O interior da Igreja não me desagradou. Tem bastante espaço e está limpa. Os trilhos estavam úmidos e nas subidas o trem andava de vagar ao principiar a jornada.

Chegada às 10h 20 à fazenda de Assis Ferreira sobrinho do Prados <sup>024</sup> e casado com uma sobrinha de d. Antônia Barbosa filha do irmão desta com o qual falei e tem o mesmo gênio da irmã. Assis Ferreira é muito inteligente e sério. A mulher amável e inteligente e quase bonita.

Antes do almoço fui às máquinas que nada têm de importante — não gosta da borracha para descascar o grão do café porque se estraga depressa — sistema muito inconveniente para a escolha do grão. Preparam as máquinas 700 arrobas por dia 200.000 pés de café. Já colheu 14.400 arrobas por ano. A colheita deste será de metade. Gasômetro que emprega a mamona. Com 5 horas de trabalho tem gás por 10 dias para os 7 bicos. Assis já paga a homens livres para a colheita e o fará para a cultura. Muitas laranjeiras por entre os cafezeiros. Casa muito bem arranjada. Até o trole que nos levou da estação é muito bonito, dos feitos na casa Roke.

Segui depois do almoço às 11h 50'. Antes do Assis parei na estação de Bicas, que é quase um arraial formado há 2 anos <sup>025</sup>. As oficinas em ponto pequeno [*sic*] agradaram-me. Também visitei um engenho de preparar café da vizinhança, na razão de 800 arrobas por dia feito por fulano Melo. Enfim a digressão da estrada de ferro União Mineira 82 km e não 84 agradou-me muitíssimo. Querem levar a estrada até o rio Pomba.

Entramos às 11  $\frac{1}{2}$ . Pequena demora. Achei Sapucaia muito adiantada e ainda mais Porto Novo do Cunha <sup>026</sup>. Aí tomei o vagão aberto e muito cômodo a estrada de ferro da Leopoldina. O Melo Barreto <sup>027</sup> foi me informando de tudo. Quase toda a linha até S. Geraldo tem trilhos de aço. Querem levá-lo até Ponte Nova, o que talvez desaconselhe o ramal de Mariana até aí <sup>028</sup>. De Ouro Preto se faria o ramal até Mariana. Convém muito estudar todas estas direções de estrada de ferro.

Estação do Pântano <sup>029</sup> e daí a pé até casa que é uma espécie de palácio sobretudo internamente e situada no cimo de uma colina de Santos e Silva <sup>030</sup> um dos diretores da Leopoldina casado com a filha de Antônio Carlos Teixeira Leite, que era o dono da fazenda há 2 anos e sobrinha do barão de Vassouras <sup>031</sup>.

Cheguei aqui às 3 ½. Já tomei excelente banho morno em quarto destinado a esse fim e o jantar é às 6h. Não senti calor de Porto Novo por diante — vagão aberto e havia aragem também. Até S. Geraldo são 203 km. Amanhã informar-me-ei melhor de tudo. Pedro de Alcântara Cerqueira Leite cuja conversa muito me interessou deu-me um livro com os relatórios da União Mineira.

Jantar às 6h.

Depois conversei. O fiscal da estrada da Leopoldina filho do Dantas disse-me que a maior parte daquela já tem trilho de aço, mas que tendo custado 23 contos o km talvez fosse construída com pouca perfeição.

Recolhi-me às 10h 36'.

**29 de abril de 1881 (6a fa)** — 5h ¼. Já tomei banho de chuveiro. Ontem conversei muito com o ex-vigário de Barbacena Camilo de Brito. Muito inteligente e estudioso de ciências naturais. Tem lido os melhores livros e feito experiências de química em sua casa. Suas opiniões nos assuntos religiosos são as minhas. Gostei muitíssimo de conhecê-lo <sup>032</sup>. Está morando na Sapucaia.

Às 5 ½. Vou ver a capelinha da fazenda e parte o trem às 6h. A capela é pequena, porém singela e bonita internamente. Roseava a neblina quando por ela subia.

Partida às 6h. Nada de novo até tomar pelo ramal de Pirapetinga às 7h. Margeiam Este ramal que está bem feito embora haja muita curva de pequeno raio muitas fazendas de café de pequenos proprietários relativamente. A maioria é de portugueses.

8h Arraial de Pirapetinga. Almoço que interrompi às 8 ½ para ir ver o arraial. Igreja, aula particular de meninas, ponte do Pirapetinga além da qual é província do Rio e casa provincial má que destinam a aula pública. A professora está licenciada. A renda deste ramal é de 12 a 15 contos mensais.

9h Volta. José Caetano <sup>033</sup> alegando cansaço fica com José Augusto <sup>034</sup> na estação de Vista Alegre indo hospedar-se na Leopoldina <sup>035</sup>. O caminho até S. Geraldo acompanha mais ou menos o Pomba. As obras de importância são o viaduto de ferro do Pomba e cortes na serra do Presídio <sup>036</sup>. Na estação do Pomba goza-se da vista da serra do Descoberto atrás da qual está S. João Nepomuceno. Cataguazes é povoação de alguma importância. A produção do lado de Cataguazes parece irem mais naturalmente pela estrada de ferro de Leopoldina do que pela de S. João Nepomuceno viesse entroncar na segunda <sup>037</sup>. Guardei para a volta minha visita a Ubá. Na estação além de muitos vivas sérios ouvi um — viva o pataco! <sup>038</sup>

Continuei para S. Geraldo chegando a Ponte Nova etc. Poucas casas quase todas feitas depois da abertura da estação em janeiro de 1880. Andei pela povoação nascente e regresssei. O arraial do Presídio <sup>039</sup> tem muitas casas e quintais.

Às 6h ¼ chegada ao ponto de onde fomos em trole até à fazenda do Cesário Alvim <sup>040</sup>. A mulher é neta do Calado <sup>041</sup> e a mãe brincou com as minhas manas. Os filhos são muito bonitos e inteligentes e instruídos para sua tenra idade — Guiomar, Ida, Sílvia <sup>042</sup> e José. Conhecia-os de Petrópolis.

Tomei banho de todo corpo sendo a água tépida. Conversei e logo que me chamaram para o jantar aí fui. Depois conversei, vi a procissão de colonos italianos com archotes. Falei-lhes e ao padre Filó que os dirige. Tocou gaita de foles, cantou um e 2 dançaram. São quase todos da província de Salerno.

São 10h. Vou descansar. Andaram-se hoje 2 × 31 (extensão do ramal de Pirapetinga e 203 de Volta Grande aqui = 265). Da estrada de ferro viemos em trole até à fazenda. Atravessa o bosque. Chegada aqui seriam 6h ½. A frente da casa que é boa estava lindamente iluminada.

Muito boa banda de música vinda de Ubá. O oficlíde tocou muito bem umas variações. No Pântano a banda era de escravos de casa. Tocou muito bem.

Cesário Alvim colhe 9.000 arrobas de café por ano e emprega na colheita, principalmente braços livres. Está montando um engenho central de café na cidade de Ubá prepara até 600 mil arrobas por dia. Outro foi montado no Presídio por Lynch engenheiro do Gás do Rio.

São 11h. Tenho muito sono.

**30 de abril de 1881 (sábado)** — 5 ½ já tomei banho de queda d'água — muito agradável. Arranjei papéis. Saio às 5 ¾. Partida pouco depois das 6h no trem que chega daí a pouco a Ubá. Cidade menor que o arraial do Inficionado. Igreja vasta. Casa da Câmara e cadeia grande, mas está só com o livro de entradas mal escriturado; padrões métricos para um lado e no chão do quarto das testemunhas. Mandei tirar a gargalheira a 2 presos.

Colégio de meninas 31. Não me pareceu mau. Aula pública de meninas. Péssima casa. A professora mulher do agente do correio apronta sala em casa própria porque tem internos que lhe pagam. Ela recebe os vencimentos de 80\$000 mensais e nada para casa.

O irmão do Lynch disse-me que o engenho do irmão, que trabalha no presídio é provisório. Foi aquele Lynch que estudou a passagem da serra de S. Geraldo onde disse-me que são precisos 2 túneis pequenos <sup>043</sup>, sendo a despesa total dessa passagem de 2 a 3000 contos. Falei ao antigo deputado João Carlos Moreira presidente da Câmara Municipal e ao deputado Carlos Peixoto. <sup>044</sup>

A Imperatriz descansou depois da oração na igreja em casa do médico Esteves Brás. De trole à estação de onde parti às 8h. Parou-se minutos na estação do Diamante por causa do Daniel <sup>045</sup> que cultivava perto daí e prepara o conhecido fumo em rolo. Falei-lhe assim como ao sogro do filho dele, Antônio Gomes Pereira que ofereceu excelente café.

Na estação de Vista Alegre (10h 35') tomou-se o ramal da Leopoldina. Aí cheguei às 11 ½ à casa de um amigo de Gervásio Monteiro de Barros sobrinho neto do Congonhas <sup>046</sup>.

Almoço que interrompi às 12.

Câmara e cadeia — idem. A casa não é má. Aula primária de meninos que não me desagradou. A sala é muito pequena. Colégio de meninas que não me pareceu mau, tendo a mestra fisionomia inteligente. Aula 1ª de meninos do grau superior. Sofrível. A aula 1ª de meninas não tem agora professora. O cura não explica doutrina aos meninos na igreja como quase nenhum faz.

Oração na igreja de onde se goza de boa vista; subida íngreme; fomos de trole e de lá por boa ladeira para a estação.

Partida à 1h ¾. Chegada às 2h 10' a Vista Alegre. O estacionário [*sic*] é casado com uma filha do Gadele. Vi belos retratos do Freese <sup>047</sup> aos 30 anos e da mãe dele que era uma linda italiana. Seguimos cerca das 2h ¼.

4h 40' chegamos ao Pântano. Pequeno povoado. Café etc. Entramos as senhoras do Pântano.

5h S. José de Além Paraíba. A igreja está ficando bonita.

11h 40'. Chegada com chuva à estação da Quinta <sup>048</sup>. O Buarque <sup>049</sup> entrou no trem na estação de Porto Novo do Cunha.